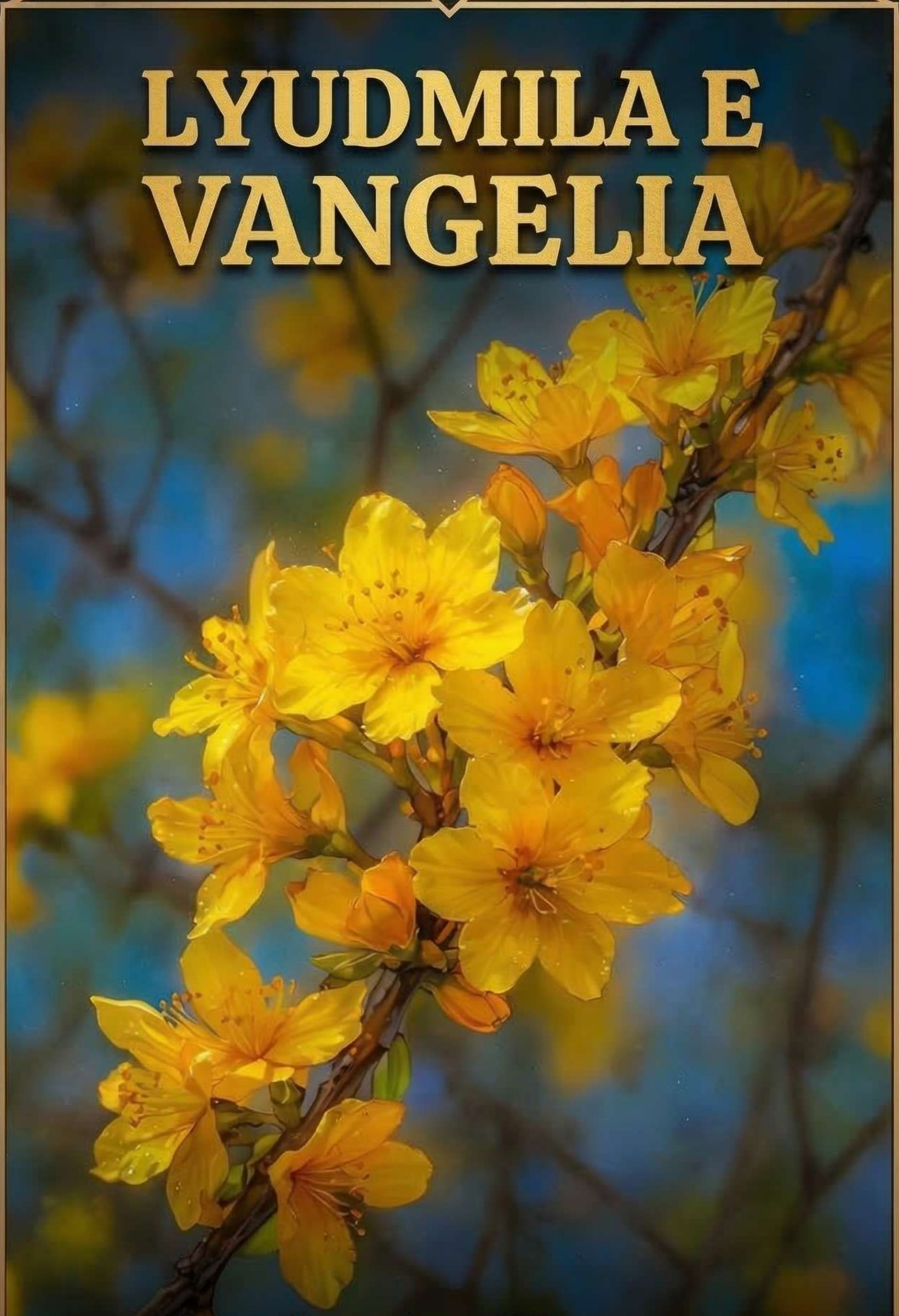
LYUDMILA E VANGELIA



Valentin Sidorov

Tradução: Amadeu António

LYUDMILA E VANGELIA

Valentin Sidorov

É sabido que, perante os fenómenos fenomenais, a razão humana é impotente. Por vezes, eles parecem ter sido criados propositadamente para domar a nossa arrogância irreprimível. Graças a Deus, a ciência moderna finalmente deixou de os ignorar e não só não põe em dúvida a sua existência, como até tenta classificá-los, inventando para eles termos especiais: telepatia, telecinesia, levitação.

Mas, para nos aproximarmos realmente da decifração da sua essência, devemos obviamente compreender a simples verdade de que eles apenas sinalizam algum segredo, sem serem eles próprios o segredo. O segredo é o espírito, que afirma o seu ser no mundo das formas materiais. O espírito pode ser acompanhado por fenómenos, mas também pode não o ser. E, na maioria dos casos, não é. Com isto, parece sublinhar-se que a essência não reside neles, mas em algo diferente, muito mais importante, muito mais significativo.

No Evangelho, há a descrição dos milagres incríveis realizados por Jesus Cristo. Mas Ele, como se depreende deles, fê-los com extrema relutância, cedendo apenas sob a pressão de circunstâncias externas. Ordenou que muitos milagres fossem mantidos no mais estrito segredo. Eles não são mencionados nos livros sagrados para que — como o brilho de um fogo de artifício — não desviem a atenção do homem do principal: o esplendor espiritual da verdade, acesa por Cristo na terra.

A busca pelo fenomenal, como se vê no Evangelho, não só não é encorajada, como é condenada. Educativo, neste sentido, é o episódio com o futuro apóstolo Tomé. Após a sua ressurreição, Jesus aparece aos Seus discípulos na ausência de Tomé, que deveria ter acreditado nas palavras dos seus amigos mais próximos. Nada disso. Tomé declara categoricamente: "Se não vir nas Suas mãos o sinal dos cravos e não puser o meu dedo no Seu lado, não acreditarei". Como se sabe, Jesus dá-lhe a oportunidade de se convencer pessoalmente do milagre da ressurreição. Tomé coloca a mão nas Suas feridas abertas. Há, porém, uma nota de lamento e censura nas palavras de Jesus dirigidas ao discípulo que, infelizmente, pediu provas materiais para a imortalidade do espiritual: "...creste porque Me viste; bem-aventurados os que não viram e creram".

Dizem que não foi por acaso que Tomé, a quem a voz popular chamaria o Incrédulo, foi enviado para cumprir a sua missão apostólica na

Índia. É precisamente lá, onde iogues de diferentes níveis demonstram prodígios que não se prestam a uma explicação natural, que ele deve convencer-se do carácter secundário dos fenómenos fenomenais em comparação com os espirituais; os fenómenos, quaisquer que sejam, só podem desempenhar um papel auxiliar na construção do mundo interior do homem (e isso apenas se houver condições especialmente favoráveis). Por si só, eles não têm qualquer significado.

Eis por que não me surpreendeu nada a atitude contida, rigorosa e, por vezes, até negativa de Svetoslav Nikolaevich Roerich[1] em relação aos chamados milagres. Por força de certas circunstâncias, ele foi testemunha de fenómenos invulgares, conhecia bem muitos iogues e taumaturgos, por exemplo, o famoso Yogananda no passado recente ou o muito conhecido Sai Baba nos nossos dias. Svetoslav Nikolaevich falava deles com benevolência, mas nos seus relatos percebia-se uma leve ironia.

O nome de Sai Baba — na altura da minha primeira viagem à Índia — já era amplamente conhecido em todo o mundo. Era famoso como vidente, como curador espiritual que curava as pessoas com as mãos. Mas, talvez, fosse mais célebre por realizar milagres aberta e publicamente. Gostava de oferecer aos seus interlocutores objetos que tirava literalmente do nada. Podia ser uma fotografia sua ou um relógio de metal nobre e com uma pedra preciosa. Movia as mãos de determinada forma e diante dele surgia um montinho de cinza sagrada, à qual se atribuíam propriedades curativas. Escreviam sobre Sai Baba, filmavam documentários. Uns admiravam-no, outros negavam-no, mas ele não deixava ninguém indiferente. Na verdade, assim é até hoje.

A iniciativa para o meu encontro com Sai Baba partiu de Devika Rani, a mulher de Svetoslav Roerich. Ela tinha adoecido e começado a perder a audição. Os médicos revelaram-se impotentes na luta contra a surdez progressiva e ela decidiu recorrer a Sai Baba. Vestiu-se de forma simples, trocou o *sari*[2] de seda por um de algodão, para não se distinguir dos outros. Misturou-se na multidão, sentou-se com os outros no chão e esperou pela aparição de Sai Baba.

Segundo as palavras dela, mal ele apareceu, notou-a imediatamente. Aproximou-se e sentou-se ao seu lado. Perguntou-lhe: "Por que vieste ao pobre faquir, quando na tua casa há tanta luz?". Devika explicou-lhe. "Isso não é do teu *karma*[3] — disse-lhe ele. — Vou ajudar-te".

Aqui devo fazer um pequeno parêntese. Ao contrário dos nossos sensitivos, os indianos, naturalmente, atingiram um elevado grau de

clarividência. Eles dividem as doenças em duas categorias. Na primeira estão as cármicas, ou seja, as doenças ligadas aos pecados e erros das nossas vidas anteriores, pelas quais — queiramos ou não — um dia teremos de pagar. (Como se sabe, a tradição espiritual-religiosa indiana baseia-se no postulado inabalável da reencarnação da alma humana.)

O sensitivo indiano nunca se propõe a curar uma doença ligada ao *karma* da pessoa. Ele recusa categoricamente, mas a sua fama de curador não sofre com isso. A pessoa parte sem ser curada, mas de certa forma tranquilizada pelo pensamento de que os seus sofrimentos não são em vão, mas em nome da sua purificação espiritual.

A segunda categoria de doenças são as adquiridas na vida atual da pessoa, provavelmente por descuido, num acidente ou por uma convergência imprevista de circunstâncias. Considera-se que estas cedem ao influxo espiritual-psíquico. A doença de Devika Rani foi classificada na segunda categoria e Sai Baba dispôs-se a ajudá-la. E fê-lo imediatamente, sem demora. Colocou as mãos nos seus ouvidos e a audição foi restaurada. Desde então, ela tem a audição aguçada de uma criança — eu próprio posso confirmá-lo.

Naturalmente, Devika ficou-lhe grata do fundo da alma. Ao despedir-se, pediu-lhe que visitasse a sua casa quando tivesse oportunidade. Sai Baba prometeu. E cumpriu a promessa. Mas veio sem a avisar, e não sozinho, mas com um grande grupo de devotos. Devika agitou-se desesperadamente pela casa, sem ter ideia de como ou com que alimentar tanta gente. Sai Baba notou a sua confusão, sorriu e pediu-lhe que não se preocupasse. Bastaram alguns movimentos com as mãos e, diante de cada um dos presentes, apareceu uma porção de arroz, temperada com especiarias especiais e embrulhada firmemente numa folha de bananeira.

— Provei o arroz — disse Svetoslav Nikolaevich — e o estranho era que estava quente, como se tivesse acabado de ser trazido da cozinha.

Mas o final da nossa conversa foi um pouco inesperado. Pedi a Svetoslav Nikolaevich que me apresentasse a Sai Baba pessoalmente ou que me recomendasse. Seguiu-se uma recusa clara e categórica.

---

[1] Svetoslav Nikolaevich Roerich — filho de Nicholas Roerich, seu seguidor, pintor. Nicholas Konstantinovich Roerich — poeta, pensador, investigador, pintor, figura pública, arqueólogo, filósofo, seguidor da Doutrina Secreta. Fundou o Instituto de Investigações Científicas dos

Himalaias "Urusvati" ("A Luz da Estrela da Manhã"). Criador do acordo internacional que assegura a proteção dos monumentos artísticos em caso de conflito militar, que entrou para a história com o nome de "Pacto Roerich". — Nota da Redação.

[2] Sari — traje nacional feminino indiano. — Nota da Redação.

[3] Karma — doutrina budista sobre a retribuição das ações humanas após a morte, segundo a qual os pecadores reencarnam e os justos passam para a existência eterna. — ***Nota do Tradutor.***

— Se outra pessoa o fizer, tudo bem. Mas eu não. — Mas porquê? — admirei-me eu. — Não quer vê-lo? — Não — respondeu Svetoslav Nikolaevich. E acrescentou: — Ele não me interessa.

2. Os meus caminhos cruzaram-se com os dos sensitivos numa altura em que eles não gozavam de prestígio e sobre eles recaía uma proibição rigorosa. Mas não estabelecemos relações especiais. Talvez porque eles (pelo menos a maioria dos que conheci) estivessem infetados pelo vírus da sua ingénua e intocável arrogância. Na verdade, apenas uma parte do segredo, e a menor delas, se revelava perante eles, mas eles já imaginavam que eram os senhores — e os únicos — de todo o segredo.

Geralmente, eles não compreendiam o mais importante: que o dom que possuem lhes impõe as mais elevadas obrigações morais; que são obrigados a fazer tudo, literalmente tudo, para serem dignos dele. Afinal, para que a energia psíquica possa curar e não mutilar as pessoas, são necessários um coração e mãos excecionalmente limpos. Em última análise, o dom pode ser aceite como um adiantamento enviado do alto. Mas, se foi recebido como um dom, como um dom deve ser entregue. Esta é a condição obrigatória na cura espiritual.

Estou longe de negar as capacidades — por vezes notáveis — dos sensitivos com quem a vida me cruzou. Alguns são amplamente conhecidos e populares. Mas a nenhum deles confiaria a minha saúde ou a dos meus familiares, e nunca confiaria sem reservas na sua informação astral. Apenas um sensitivo — mas neste caso utilizo este termo comum de forma muito convencional — não suscita em mim a mínima dúvida. Trata-se da vidente búlgara que na sua pátria e em todo o mundo chamam Vanga. O seu verdadeiro nome é Vangelia, que em tradução do grego significa "portadora de boas novas".

3. Tinha lido muitas coisas sobre Vanga, mas tinha ouvido falar muito mais sobre ela. Sabia que tinha cegado num acidente — quando pequena,

foi apanhada no epicentro de uma terrível tempestade e perdeu a visão. Sabia que essa perda parecia ter sido compensada mais tarde com o surgimento de uma visão interior. Subitamente, foi atingida por uma iluminação — e tornaram-se-lhe acessíveis os segredos profundos do passado, do presente e do futuro.

O rumor sobre a profetisa Vanga espalhou-se por todo o lado. Em Petrich, onde ela vive — curiosamente, a cidade fica perto de um antigo templo grego dos oráculos de Delfos[4] —, começaram a afluir muitas pessoas. As autoridades, tanto quanto podiam, limitavam o afluxo. Mas depois tomaram uma decisão mais inteligente. Para criar ordem entre os que esperavam, colocaram um polícia diante da sua casa. Não se esqueceram de zelar pelos interesses do Estado — fixaram uma taxa para a visita à vidente.

Alguns conhecidos meus já tinham ido a Vanga e contavam histórias realmente fantásticas. Mas, como dizem os chineses, mais vale ver uma vez do que ouvir cem. Essa oportunidade — de me encontrar com ela — surgiu em julho de setenta e nove.

[4] Oráculos de Delfos — o autor refere que Petrich fica perto da Grécia, onde se situa Delfos — antigo santuário famoso pelos videntes do templo de Apolo. — Nota da Redação.

4. Devo dizer que os nossos encontros com Vanga tinham um carácter especial, estritamente confidencial. Primeiro, não ocorriam em Petrich — nunca cheguei a conseguir ir a essa cidade —, mas em Sófia, para onde Vanga vinha propositadamente, interrompendo a receção da infindável fila de pessoas. Conversávamos com ela como que em condições de conspiração, totalmente isolados do mundo exterior. Ninguém perturbava a nossa conversa. Nada nos limitava no tempo.

Segundo, uma participante obrigatória nas nossas conversas era Lyudmila Zhivkova, que desempenhava o papel de intérprete. Sim, sim, precisamente ela — a filha de Todor Zhivkov. Presidente do Comité de Cultura, por outras palavras, Ministra da Cultura, membro do politburo do CC do BKP (Partido Comunista Búlgaro). Isto, naturalmente, era bem sabido por muitos. Mas poucos eram os que sabiam então que Lyudmila Zhivkova era seguidora da doutrina espiritual *Agni Yoga*[5] e considerava como sua principal tarefa a afirmação dos seus princípios na vida.

[5] Agni Yoga — "Yoga do Fogo". — Nota do Tradutor.

5. Segundo as palavras de Lyudmila Zhivkova, tudo nela começou — aqui pode notar-se uma certa semelhança com Vanga — com um acidente. Teve um desastre de automóvel. No início houve perigo de vida e, depois, de perder a visão. Ao recuperar a consciência, notou que via tudo ao contrário. Os esforços dos médicos — e estes eram, naturalmente, os melhores médicos — não levaram a qualquer resultado.

Então, Lyudmila dedicou-se à autocura. Com a ajuda de exercícios de ioga especiais para os olhos, restaurou a sua visão normal. Na verdade, foram necessários vários meses e exigiu-se uma concentração colossal de vontade e paciência. Mas esses não foram apenas dias de recuperação física, mas também de renascimento espiritual. Da crise que a colocou na fronteira entre a vida e a morte, Lyudmila saiu uma outra pessoa.

Desde então, a sua rigorosa disciplina interna, que lembra algo militar, determina inteiramente o seu estilo de comportamento. Ao vê-la nas receções oficiais — elegantemente vestida, perfumada com fragrâncias francesas —, dificilmente alguém suspeitaria a que regras ascéticas estava submetida a sua vida. Ninguém além dos seus íntimos sabia o regime rigoroso a que se tinha imposto. Dieta vegetariana, leite fervido, alternando constantemente com dias obrigatórios de jejum, sem qualquer alimento.

Tal regime é uma provação para alguém que vive em retiro e que, mais ou menos, eliminou os estímulos externos. Mas compreende-se por si só que é uma provação duplamente maior para quem, por necessidade, se encontra rodeado de abundância de comida, no centro dos acontecimentos, sob o foco atento dos meios de comunicação de massas.

Lyudmila considerava que, após o embate físico e as agitações internas que o acompanharam, despertaram nela aqueles centros invisíveis que na Índia chamam *chakras*[6]. Mas ela tinha consciência de que o seu despertar era apenas metade da tarefa pendente; a segunda metade, não menos importante, era a libertação dos centros.

Através das fontes espirituais esotéricas[7] que estudava detalhadamente, Lyudmila não podia ignorar o quão perigoso isso era. No fundo, significa lidar com o fogo que a qualquer momento pode tornar-se incontrolável e até mortal. Mas ela estava fanaticamente segura das suas forças. Lembro-me de como me dizia: "Afinal, nasci sob a constelação de Leão. O meu signo é o fogo. Por isso, pode dizer-se que o fogo é o meu elemento".

[6] Chakra — palavra sânscrita que significa roda. Segundo a filosofia indiana, ao longo de todo o comprimento da espinal medula existe uma rede de centros energéticos. São pontos ocultos, ligados por canais subtis, nos quais circula uma dupla energia vital e que contêm toda a informação energética. Esta energia é chamada kundalini. — Nota do Tradutor.

[7] Esotérico — secreto, oculto, destinado apenas aos iniciados. — Nota da Redação.

6. Naturalmente, Lyudmila considerava seu dever utilizar todas as oportunidades que a sua posição e os seus altos cargos lhe davam para realizar a sua supertarefa espiritual. Mas estas não eram infinitas. Os princípios dogmáticos paralisavam qualquer iniciativa e até ela era obrigada a agir com certa cautela e por etapas (infelizmente, nem sempre conseguia). Lyudmila considerava, e com toda a razão, que o programa cultural — se lhe fosse dado o correspondente conteúdo espiritual — seria a alavanca de Arquimedes capaz de transformar a consciência das pessoas.

Ela elaborou um tal programa — para aqueles tempos bastante ousado e único. A essência da experiência consistia no seguinte: a partir de então e até ao final do século, a vida cultural da Bulgária deveria passar sob o signo de alguma grande personalidade. Todo o país — de pequenos a graúdos — parecia convidado a participar em cursos anuais para o estudo abrangente da vida, da obra e da atividade de uma ou outra figura célebre da história. A seleção dos nomes para o programa de longo prazo não era casual, mas cuidadosamente pensada: 1978 foi declarado o Ano de Roerich; 1979 — o de Leonardo da Vinci; 1980 — o de Lenine.

Desafiador era o simples facto de a lista de nomes começar com Roerich. Segundo a opinião oficial, ele era uma figura duvidosa, pois gozava de uma reputação sólida de idealista e místico. Na verdade, a situação foi um pouco facilitada pela circunstância de que recentemente, na URSS, se tinha celebrado o centenário do nascimento do pintor, e naquela altura tudo se guiava pelos acontecimentos no nosso país. Em última análise, a referência a esse facto afastava as objeções dos oponentes e predeterminava a resolução favorável da questão.

Por via oficial, foram feitas diligências junto de museus no nosso país e nos EUA, resultando na chegada a Sófia de quadros de Nicholas e Svetoslav Roerich. Realizou-se a inauguração solene da exposição conjunta. Por convite do governo, Svetoslav Nikolaevich Roerich chegou à Bulgária. Foi eleito académico honorário da Academia Nacional de Artes, o que impulsionou também a nossa academia para um passo semelhante.

Até então, os académicos soviéticos, como defensores intransigentes dos princípios do realismo socialista, não aceitavam nem Svetoslav Roerich nem o seu pai. Mas, depois da Bulgária e das correspondentes instruções recebidas de cima, foram obrigados a rever a sua opinião.

Na Bulgária, editavam Roerich em massa: duplicavam as edições soviéticas dos seus livros, imprimiam álbuns com as suas reproduções e monografias dedicadas à sua obra. A televisão, a rádio, a imprensa — tudo foi incluído na ação de larga escala anunciada como o Ano de Roerich. Não admira que, em pouco tempo, o país tenha descoberto o pintor que anteriormente não conhecia. Embora nem tudo corresse de feição e houvesse complicações, os resultados do Ano de Roerich foram encorajadores. Lyudmila Zhivkova comentou-os assim: — O campo de informação das pessoas expandiu-se agora significativamente. As sementes espirituais do futuro foram semeadas e um dia germinarão. Germinarão.

7. Não participei nas atividades oficiais do Ano de Roerich. Tinham-me enviado um convite, mas este não chegou até mim. Tais convites, na altura, alguém os selecionava e censurava cuidadosamente.

Mas aconteceu que, no outono de 1978, fui de férias para a Bulgária. Lá, encontraram-me os emissários de Lyudmila Zhivkova — na véspera do meu regresso a Moscovo. E eis-me no edifício do Comité de Cultura, no seu gabinete.

Lyudmila Zhivkova revelou-se uma mulher esbelta, com uma figura desportiva. Cabelos fortemente esticados e apanhados para trás. Testa alta. Quando tirava os óculos — e fazia-o frequentemente para descansar os olhos e para limpar as lentes —, pareceu-me ver algo oriental, mais propriamente japonês, no seu rosto.

Lyudmila espantou-me com a sua franqueza e sinceridade. Mal nos tínhamos conhecido, começou logo a citar a doutrina *Agni Yoga*, que era semiproibida e conspirativa na altura: "Como sabe pelos livros da Doutrina; como nos recomenda a nossa Doutrina". Isto era um sinal que me convidava a uma franqueza precisamente igual.

Notei que Lyudmila me observava e sorria levemente. — Sabe — disse ela —, tinham-me dito que tinha uma grande barba branca e que vivia em Tian Shan. — Como vê — respondi eu —, tenho de a desapontar. Não tenho barba e não vivo nas montanhas, mas em Moscovo. — Melhor ainda — concluiu ela —, assim teremos mais oportunidades de contacto e trabalho conjunto.

Mas os planos para o nosso trabalho conjunto não foram feitos de imediato, mas sim meio ano depois, quando Lyudmila Zhivkova chegou a Moscovo para mais uma visita oficial. Contactou-me por telefone e, sem seguir o curso habitual das reuniões protocolares planeadas, dirigiu-se a mim. A nossa conversa durou meio dia — o "Chaika" com o motorista e a segurança esperava pacientemente à porta — e posso dizer que, depois dessa conversa, já não havia segredos entre nós.

Lyudmila trouxe consigo alguns dos seus livros, editados pela *Sofia Press* numa tiragem muito limitada, quase simbólica, em língua russa. Bastava um olhar superficial para se convencer da força explosiva que neles se escondia. Pois em certas passagens era a própria *Agni Yoga*, apenas levemente camuflada com terminologia científica contemporânea. Veio-me imediatamente a ideia de que poderíamos editar rapidamente um pequeno livro de Lyudmila Zhivkova. Por estranho que parecesse, havia uma possibilidade real. A questão era que, entre os apoiantes das ideias de Roerich que ajudavam conforme as suas forças na sua divulgação, estava o editor-chefe da revista *Ogonyok*, Anatoly Vladimirovich Sofronov.

Como suplemento semanal da revista, saíam brochuras de poesia e prosa com a inscrição especial "Biblioteca Ogonyok, Editora Pravda". Tinha a certeza de que Anatoly Vladimirovich responderia ao meu pedido. Na verdade, ele não só aprovou a minha ideia, como me enviou à Bulgária para organizar e editar o futuro livro de Lyudmila Zhivkova. Passados alguns meses, com o título "Pelas Leis da Beleza", o livro apareceu nos quiosques de jornais. A tiragem de cem mil exemplares esgotou-se instantaneamente.

8. Quando cheguei à Bulgária, a preparação para a Assembleia Internacional de Crianças estava em pleno andamento. A "Bandeira da Paz" de Roerich — passado, presente e futuro, unidos no círculo único da Eternidade — parecia iluminar a assembleia. Deu-lhe o nome e o lema "Unidade, Criatividade, Beleza".

Segundo o projeto de Lyudmila Zhivkova — ela era a presidente do comité de iniciativa —, a assembleia de crianças "Bandeira da Paz" deveria simbolizar o impulso em direção ao futuro. No festival na Bulgária deveriam encontrar-se e conhecer-se os criadores do século XXI: jovens pintores, poetas, compositores, cantores, artistas.

O apelo de Lyudmila Zhivkova teve um amplo eco. Chegaram desenhos infantis de todo o mundo. Alguns deles estavam numa folha arrancada de um caderno escolar comum, mas havia também gravuras

executadas profissionalmente, águas-fortes, pequenas telas. — Esperamos — diziam-me — que, com o tempo, estas coleções lancem as bases de um original "Louvre" infantil. Mostraram-me também prosa infantil (principalmente contos). Vi poemas, curtos, mas por isso mesmo expressivos: *Havia um ratinho, gordinho como um leitãozinho.*

Especialmente para os participantes na assembleia, foram editados livros com reproduções de desenhos infantis, poemas e canções. Até hoje guardo-os como uma raridade bibliográfica.

Durante os dez dias de agosto de 1979, Sófia e as suas salas de exposições, teatros e televisão estiveram nas mãos da república mundial das crianças. Foi invulgar este festival. Invulgar foi também o seu princípio fundamental — nenhum concurso, nenhuma luta por primeiros lugares. Assim foi afastado o espírito de rivalidade e de sensacionalismo. Nada deveria ferir a alma da criança. Estava presente apenas a alegria do conhecimento mútuo, a participação nos jogos e nos carnavais.

Para os mais sérios, houve outras atividades. Reuniu-se o parlamento infantil, onde se proferiram discursos nada infantis. Este adotou um apelo dirigido aos adultos: "Nós acreditamos que a pomba, feita de uma folha de um caderno escolar, pode voar mais longe do que uma nave espacial. Estamos convencidos de que o sol desenhado por nós pode iluminar todo o planeta... Aquilo que os adultos não podem nem sabem, pode ser alcançado pelo nosso jovem mundo."

O ponto culminante das celebrações foi a inauguração do monumento "Bandeira da Paz". Era único no seu género, nem que fosse apenas pelo facto de poder tocar. Na parte inferior estavam dispostos sinos de diferentes países do mundo (incluindo da União Soviética — no nosso país ateu foram necessários grandes esforços para fundir um sino, já que há muito ninguém entre nós se ocupava disso).

Podia-se aproximar deles e experimentar o seu som. Na parte superior do obelisco, havia sete sinos enormes. Liudmila não escondia (em todo o caso, não de mim) que eles personificavam os sete princípios fundamentais do Mahatma e do Mestre. Nisto, dizia ela, reside o sentido sagrado do monumento; na verdade, não é um monumento, mas uma seta lançada ao Cosmos.

O discurso de Liudmila Zhivkova aos participantes da assembleia ("Queridas crianças, criadores do novo mundo") foi, como nunca,

desafiadoramente franco. Tinha esquecido até a pequena prudência necessária para as aparições públicas. Eis o que ela disse:

"Heróis audazes, lembrai-vos da verdade; jovens construtores, lembrai-vos — o sentimento de beleza abrirá as portas do futuro... Que seja puro o símbolo dos sinos. Todos os dias, todas as horas, todos os momentos, que a vossa fraternidade, a unidade e a solidariedade barrem o caminho à guerra. Irreconciliáveis, audazes, revestidos pela façanha do heroísmo, digam NÃO à anti-humanidade, à destruição, à injustiça; retirem o fardo do egoísmo, da ignorância e do medo. Recebam com beleza e dignidade as inúmeras ondas da vida. Que o vosso passo seja invencível, o espírito — indestrutível...

Criadores do novo mundo, não tenham medo de escrever a palavra CRIADOR com letra maiúscula; mantenham puras as palavras sagradas UNIDADE, CRIATIVIDADE, BELEZA. Hoje sois mil, mas amanhã, atrás da bandeira da paz, marcharão milhões."

9. Uma atmosfera surpreendentemente festiva reinava naqueles dias na Bulgária. O que ali acontecia extrapolava os limites das manifestações tradicionais aceites e elevava-se acima do quotidiano. Para ninguém era segredo: esta exibição invulgar devia-se inteiramente a Liudmila Zhivkova e à sua influência sobre o pai que, como é sabido, determinava então inteiramente a política do país.

Pela primeira vez desde a sua criação, o Estado búlgaro não reservava meras migalhas do seu orçamento principal, mas investia meios significativos na esfera da cultura, e especificamente na cultura espiritual. Abriam-se amplas perspetivas. Elaboravam-se planos de escala verdadeiramente planetária. Cientistas búlgaros visitaram o vale de Kullu e trouxeram uma conceção concreta para a restauração do instituto himalaio de Roerich, "Urusvati", acompanhada de um relatório sobre os fundos necessários.

A conceção foi aprovada. Estava em fase de realização o projeto de criar em Sófia um Centro Internacional Roerich (foi inclusivamente cedido um edifício). Estabeleceram-se contactos diretos com os *ashrams*^{8} de Pondicherry e Auroville, na Índia, e iniciou-se a preparação para a edição das obras de Aurobindo Ghose (que, tal como Roerich outrora, estava sob proibição tácita).

O pequeno país ousava lançar-se em grandes coisas. Antecipava-se a todos, inclusive à União Soviética, que deveria segui-lo obedientemente.

"Estais a transformar a Bulgária num posto avançado da Fraternidade Branca — disse uma vez a Liudmila. — Mesmo que fique apenas como uma tentativa, nunca mais será esquecido."

Impressionado com o que vi, escrevi um poema que lhe dediquei. Escrevi-o no avião, quando voava mais uma vez para Sófia devido ao nosso trabalho conjunto.

8 Ashram — lugar (algures entre as cristas geladas dos Himalaias) onde, por um determinado período de tempo, os Mahatmas (espírito mundial; divino, sobre-humano) reúnem junto de si os confrades e preparam o seu organismo para as perceções sagradas das energias subtis e lhes transmitem instruções. — Nota do Tradutor.

Lida a mais importante essência
da amplidão estelar no infinito,
uma reviravolta fatídica destinou-nos
a vir convosco à terra.
Fatídica.
E indubitavelmente
no sulco de fogo estamos prometidos,
desde que o estranho chamamento do Universo
para nós já é compreensível.
E até a lira familiar
presenteia sons enigmáticos.
O sino da Mãe Universal
sobre a Sófia sagrada ressoa e louva.

10. Mas as iniciativas de Liudmila Zhivkova — invulgares e globais — encontravam não apenas aprovação e apoio. Encontravam também oposição — raramente aberta, mais frequentemente velada, silenciosa, persistente. Para as pessoas com uma forma de pensar padronizada, as reformas espirituais de Liudmila Zhivkova pareciam minar os fundamentos da visão do mundo marxista-leninista. Além disso, empurravam para segundo plano certas pessoas, privando-as de cargos invejáveis e privilégios, e entre elas havia figuras importantes. Queixar-se? Mas a quem, se o líder do partido e do estado, Todor Zhivkov, apoiava a posição da filha?

Restava apenas um caminho, que os cidadãos "dignos de confiança" utilizavam frequentemente na época, sem se darem conta de que assim manchavam a sua dignidade e a dignidade do seu país. Uma fila de

descontentes dirigiu-se à embaixada soviética. A julgar por tudo, não se pouparam nas expressões. Que tipo de mexericos e rumores não se espalharam sobre Liudmila! Dizia-se que tinha caído inteiramente sob a influência do Ocidente, numa altura em que ela se entusiasmava por Roerich e Aurobindo Ghose, quando deveriam censurá-la (se fosse necessário) precisamente pelo contrário: por estar sob a influência do Oriente. Sem conhecerem os aspetos pessoais da sua vida, descreviam com cores vivas a sua busca pelo luxo, roupas de moda, receções, vinhos e pratos requintados. E, finalmente, acusavam-na de, quase com o consentimento do pai, conduzir uma linha de rutura de relações com a União Soviética.

Tudo isto eram disparates. Para Liudmila, a Rússia de Roerich era o símbolo da fé, da qual ela, em circunstância alguma, renunciaria. E o seu pai era tão dedicado ao nosso país que chegou a colocar a questão da integração da Bulgária no quadro da União Soviética. Mais tarde, quando foi afastado do poder, foi precisamente essa dedicação sem reservas à Rússia e à União Soviética que lhe foi imputada como a sua principal culpa.

A embaixada soviética desempenhava então funções de órgão de controlo. Ali não só recebiam os queixosos, como os consolavam, incutiam-lhes esperança e prometiam-lhes ajuda. Depois, devidamente processada, a informação era enviada para Moscovo e, de lá, por caminhos transversos, exercia-se pressão sobre a liderança búlgara. Naturalmente, isto gerava fricções mútuas, ofensas, confrontos. Chegou-se ao ponto de Chernenko viajar para Sófia para diminuir a tensão entre o governo búlgaro e a embaixada soviética. (Soube disto através de Liudmila.) Como experiente funcionário do aparelho, ele suavizou a atmosfera geral, mas, no essencial, as coisas não mudaram, porque não mudou a atitude de desconfiança e suspeita em relação a Liudmila.

Mas como poderia mudar, se refletia adequadamente o sentimento que imperava nos altos escalões do poder? Ali, o aparecimento inesperado de Liudmila Zhivkova na cena política búlgara era visto como um desastre natural. Sabia-se que o círculo de Brejnev se guiava pelo famoso lema: "Em caso algum balancem o barco". E aqui, na prática, surge um fator imprevisível que, se lhe derem liberdade — não só o balançará, mas — esperem! — também o virará.

As ações hostis podiam atrasar ligeiramente o processo, mas não pará-lo. Com certeza, não podiam exercer influência sobre a vontade inabalável

de Liudmila Zhivkova. Ela pertencia àquele grupo de pessoas que, pelas suas convicções, estão prontas, se necessário, a ir para a fogueira. Liudmila nem sequer notava a sua bravura, na medida em que esta era o estado natural do seu espírito; e quando eu expressava a minha admiração pela sua coragem, muitas vezes temerária, ela apenas acenava com a mão. Mas uma vez disse-me:

— O senhor chama-me uma pessoa corajosa. Mas, se pensarmos bem, quem é verdadeiramente corajoso é o senhor. Veja, o senhor arrisca realmente, porque está sozinho e não tem um apoio material seguro. Eu sou outra coisa. Tenho proteção. É o meu pai.

Não contestei, embora interiormente não estivesse de acordo. A questão era que eu tinha sido ensinado a confiar mais na proteção invisível (que pensava ter), do que na materialmente tangível e visível (que, ao contrário de Liudmila, eu não tinha).

11. Pode parecer estranho a alguém, mas Liudmila, que estava rodeada de pessoas e de atenção constante, sentia agudamente a sua solidão. Sim, ela conseguiu elevar a onda de um movimento espiritual sem precedentes. Sim, na órbita desse movimento foram envolvidos muitos: uns — sinceramente, outros — por força das suas obrigações profissionais, e terceiros — também os havia — perseguiam interesses pessoais. (Entre parênteses, observarei que na Bulgária criou-se uma situação paradoxal: tornou-se vantajoso passar por ocultista, brilhar ocasionalmente não com uma citação de Marx e Lenine, mas de Roerich e Blavatsky^9).

Certamente, Liudmila não era uma pessoa tão ingénua que não notasse os aspetos negativos do processo iniciado. Meu Deus, quantas vezes a deixaram ficar mal aqueles em quem ela confiava! Mas, estranhamente — a sua atitude benevolente para com eles não mudava e havia algo de maternal no seu comportamento. "Mas ele é apenas uma criança" — dizia ela, por exemplo, sobre o colaborador de cabelos brancos que tinha falhado e que poderia ser seu pai.

Parecia que a gigantesca frente de trabalho, desenvolvida por iniciativa dela, deveria absorvê-la inteiramente. Mas não era assim. Faltava-lhe, como o ar, aquilo sem o qual agora não podia imaginar a sua vida — o círculo espiritual de convívio. Tal círculo espiritual, na Bulgária, ou não existia ou ela não conseguia encontrá-lo.

9. Helena Petrovna Blavatsky — (1831 - 1891) — criadora da Sociedade Teosófica Mundial, elevando a Teosofia a um novo patamar —

ensinamento sagrado para o conhecimento de Deus através da ligação direta com os mundos superiores. A sua vida incrível decorre em viagens por todos os continentes. Blavatsky passou sete anos no Tibete num dos ashrams de Shambhala então existentes. Em 1888 começou a ser impressa a sua obra capital "A Doutrina Secreta", ultrapassando cerca de 2500 páginas e desenvolvendo os problemas mais complexos e importantes do homem e do universo. — Nota do Tradutor.

Por isso, quando eu ou alguém da Índia vinha (de lá chegavam frequentemente por convite dela), ela desabafava a sua alma em conversas connosco. Sabendo quão ocupada ela estava, ao início não contava com tantos encontros (víamo-nos quase todos os dias, por vezes duas ou três vezes por dia). Gradualmente habituei-me e planeei o meu tempo dessa forma. De vez em quando, enviavam-me um carro. Outras vezes, a própria Liudmila vinha buscar-me ao hotel. Por vezes, tarde da noite, ia buscá-la ao edifício do Comité Central do partido, onde o trabalho a retinha (o politburo tinha-lhe dado o maior setor, que incluía ciência, cultura e educação). Habitualmente, ela já estava diante de uma das entradas do edifício maciço com grandes janelas escuras e esperava por nós.

Na maioria das vezes, dirigíamo-nos para a vivenda de campo dos Zhivkov, perto de Sófia. Das janelas da pequena e acolhedora sala de visitas — lugar tradicional das nossas conversas — abria-se uma vista calmante, um pouco idílica, para uma zona arborizada baixa, em cujas encostas pastavam ovelhas e cabras. Liudmila acendia paus de incenso indianos. Atendendo aos nossos gostos, traziam bebidas: para Liudmila — leite fervido, e para mim preparavam chá sem açúcar. Entusiasmados na conversa, não notávamos o tempo passar e ficávamos frequentemente até à meia-noite.

Devo dizer que Liudmila era uma esoterista convicta. Ela, que já tinha estado atrás da barreira invisível do ser, interessava-se não pelo lado exterior da vida, mas pelo interior, pelo sagrado. Queixava-se de não ter tempo suficiente para ocupações espirituais. Liudmila ponderava muito seriamente a possibilidade de abandonar todos os cargos e a atividade pública, e tinha mesmo partilhado os seus planos com Svetoslav Nikolaevich. Mas ele demoveu-a. Disse-lhe que uma realização como a dela era extremamente rara, e uma posição como a dela ocorre talvez uma vez em cem anos.

A propósito, Svetoslav Nikolaevich fez por Liudmila o que a mim uma vez categoricamente recusou — levou-a a Sai Baba. Segundo as

palavras dela, a conversa com Sai Baba teve um carácter bastante banal mas, quando se despediram, ele, como sempre, demonstrou as suas capacidades: criou do nada um anel de platina com um grande topázio de cor cinzento-escura incrustado.

— Ele adivinhou — disse Liudmila depois. — A minha pedra é o topázio.

Liudmila mostrou-me o anel. Segurei-o nas mãos, vendo como o topázio coloria os meus dedos de lilás. Ao que parece, o anel possuía algumas propriedades magnéticas, porque os meus dedos também começaram a emitir uma luz lilás. Notámos isto quando o devolvi a Liudmila. Na verdade, o fenómeno não durou muito, não mais de dois ou três minutos.

12. Tinha a intenção de conhecer Vanga. Mas, atendendo à posição oficial de Liudmila Zhivkova, não partilhei os meus planos com ela. Dirigi-me a um velho conhecido meu para que me levasse a Petrich — ele visitava frequentemente Vanga e contava com a sua atitude amigável. Prometeu e eu comecei a preparar-me para a viagem. Mas, de alguma forma, Liudmila soube. Perguntou-me:

— É verdade que quer encontrar-se com a vidente?

Confirmei e disse que me preparava para viajar para Petrich.

— Não precisa de ir — disse Liudmila.

— Porquê? — perguntei.

— Depois de amanhã, na sexta-feira, Vanga virá a Sófia. Se quiser, ajudo-o a encontrar-se com ela. Eu e a Vanga — acrescentou — somos grandes amigas.

13. Parei diante da casa — um bloco moderno comum, conforme combinado, por volta das cinco horas. Subi ao terceiro andar. A porta do apartamento estava cautelosamente entreaberta.

Entrei na sala e vi duas mulheres com roupas pretas iguais. Uma — no lugar dos olhos bocejavam dois círculos vazios e o seu rosto tinha uma expressão bondosa e astuta (percebi que era Vanga). A segunda era a sua irmã, Lyubka.

Lá estava também Liudmila Zhivkova. Tinha chegado mais cedo para anunciar o convidado inesperado. Mas Vanga não lhe deu oportunidade. Mal Liudmila cruzou o limiar, ouviu:

— Onde está o escritor de Moscovo?

Vanga recebeu-me com exclamações ruidosas, bastante lisonjeiras e pessoais para que as mencione. Imediatamente — ainda eu não tinha conseguido sentar-me — ela intrigou-me com a estranha pergunta se eu ia a Leninegrado. Respondi que já não ia lá há muito tempo.

— Tens de ir a Leninegrado — disse Vanga — não menos do que três ou quatro vezes por ano.

A voz dela era brusca, seca. Ela não admitia outra forma de tratamento senão o "tu". As suas afirmações eram categóricas, alternando com as mais diversas perguntas. E se na resposta houvesse incongruências ou imprecisões, ela sorria e corrigia-te imediatamente. Desta forma, era como se avisasse antecipadamente: não tentes ser esperto nem ocultes nada, é inútil.

Vanga já sabia que eu era escritor, mas quis saber o que escrevia.

— Poemas.

— E canções?

— Não.

— Tens de escrever poemas — exclamou resolutamente Vanga — escreverás poemas a vida inteira.

E vaticinou:

— Tens muito conhecimento, mas terás ainda mais e deves transmiti-lo às pessoas.

Perguntou-me onde trabalhava, no quarto ou lá fora?

— De ambas as formas.

— É melhor trabalhares lá fora, na floresta, no jardim, perto do rio. E, obrigatoriamente, calça sapatos leves.

Ela explicou porquê precisamente leves.

— Os pesados atrapalham o pensamento.

Deu-me uma série de recomendações (aliás, muito práticas do ponto de vista profissional). Apenas lamento não poder segui-las sempre. Por exemplo, ela dizia:

— O teu melhor tempo para trabalhar é até às dez da manhã. Começa em jejum. Levanta-te da secretária apenas quando sentires fome. Continua o trabalho depois do pequeno-almoço, mas no máximo até às doze. Depois disso, não vale a pena insistir e continuar. Excecionalmente, pode-se trabalhar depois das doze, mas apenas durante o dia, nunca à noite!

Segundo as suas palavras, as forças do alto não ajudam à noite, ou ajudam muito pouco, e sem a ajuda delas nada de jeito sairá. Vanga aconselhou-me a deixar o manuscrito em que trabalho aberto durante a noite. Porquê? Para que absorva a radiação celestial e as forças celestiais. No dia seguinte, isso pode transformar-se num sucesso inesperado.

Disse-me também algumas coisas sobre mim próprio.

— O teu cérebro está organizado de tal maneira — disse ela — que percebe e reflete imediata e diretamente o Ensinamento.

Interessei-me pelo que ela queria dizer.

— O Ensinamento da Fraternidade Branca — disse Liudmila, mas colocou a minha pergunta a Vanga. Ela respondeu; as suas palavras foram textualmente que se tratava de um antigo ensinamento indiano. Impresso nos novos livros, conquistará o mundo inteiro.

— Tu — acenou ela para mim — nos teus trabalhos afirmas esse ensinamento. — E acrescentou: — Daqui a dois anos criar-se-ão condições que te ajudarão a expressar os teus pensamentos mais livremente. Daqui a dois anos haverá uma reviravolta.

E novamente sobre Leninegrado:

— Assim que tiveres oportunidade, parte imediatamente para Leninegrado. Lá esperam por ti não só os vivos, mas também os mortos.

Devo dizer que, para Vanga, a nossa conversa — em todo o caso no início — foi um pouco invulgar. Não decorreu segundo o cenário habitual. Eu não fazia perguntas. Não me interessava nem pelo meu futuro, nem pelo destino dos meus familiares. Não me preocupava com a minha saúde. Por isso, ela própria tinha de tomar a iniciativa, tatear, perguntar e receber respostas, nem sempre claras para ela. Não é de admirar que se tenha cansado. Interrompeu a conversa.

Disse que precisava de descanso. Foi para a cozinha para se fortalecer com leite e ficar sozinha. Liudmila supôs que a tínhamos surpreendido — provavelmente não estaria preparada para absorver as novas vibrações que vieram connosco. Mas, mesmo que assim fosse, ela dominou-as rapidamente. Após cinco ou seis minutos voltou, tendo descansado, mais revigorada e sem mostrar quaisquer sinais de fadiga. E quando nos despedimos, disse, como sempre de forma clara e categórica:

— Deixem este homem vir o mais frequentemente possível. Quero conversar com ele.

14. Confesso, construí uma hipótese que, pareceu-me, dava a chave para o enigma do fenómeno Vanga. A sua essência é a seguinte. O subconsciente do homem contém informação abrangente sobre a sua vida até aos mais pequenos detalhes. Nem sequer suspeitamos da existência da maior parte dela, uma vez que não se retém na superfície da consciência. Mas há pessoas que possuem capacidades (Vanga é uma delas) para "conferir" essa informação. Certamente, isto é um fenómeno, mas ainda assim é compreensível e, em certa medida, explicável.

Por isso não me surpreendi quando Vanga nomeou os nomes dos meus familiares, adivinhou com efeito alguns acontecimentos do passado, foi precisa — isso sempre impressiona a imaginação — até aos detalhes mais insignificantes. Disse, por exemplo, que vivo no sexto andar (o que é efetivamente verdade); descreveu a doença da minha mãe — acumulação de sais nos ossos das pernas — e recomendou métodos de tratamento bastante não tradicionais, antecipando-se à pergunta que eu pensava fazer.

O momento de espanto veio mais tarde, quando a minha conceção elegante e coerente se desfez em pó. Foi assim que aconteceu.

Vanga perguntou:

— Onde vivem os teus pais? Onde estão eles agora?

Respondi que viviam em Voronej e que agora estavam lá.

Durante alguns minutos Vanga pareceu desligar-se da conversa e, de repente, exclamou de forma brusca e categórica:

— Não, não. Agora não estão em Voronej, estão contigo, em Moscovo.

Não me poupei ao esforço e no dia seguinte telefonei para casa. Quem atendeu foi a minha mãe — tinham chegado com o meu pai a Moscovo por algum assunto. A viagem não tinha sido planeada antecipadamente, eu não sabia nada sobre ela e, por isso, não tinha qualquer informação nem na consciência, nem no subconsciente.

15. Vi Vanga novamente alguns meses mais tarde, em dezembro de 1979. Liudmila apresentou-me novamente. Vanga confessou sinceramente que me tinha apagado da memória. Perguntou novamente pela minha profissão. Onde vivia? "Em Moscovo." E novamente, como se se lembrasse de algo muito importante, perguntou-me, tal como da última vez, se eu ia a Leninegrado.

Explicou por que motivo repetia a mesma pergunta com tanta insistência.

— Lá há muitos mortos. As suas almas rezam e purificam o espaço e, nesse espaço puro, aparecerão espíritos excecionais. Em termos espirituais — disse Vanga — Leninegrado hoje está acima de Moscovo.

Uma pergunta inesperada para mim:

— Por que mudaram o nome da cidade?

Ao ouvir a explicação, ela disse:

— Uma mudança justa. O Czar Pedro alegra-se com a mudança.

Desta vez os seus conselhos pareciam ter o carácter de uma ordem. As frases eram claras, bruscas, curtas.

— Nunca deves ter medo de nada. Em circunstância alguma deves cair no desânimo. Estás protegido e tens um protetor. Não deve haver superstições nem preconceitos no teu caminho. Vai direto. Levanta-te cedo de manhã. Escreve. Antes do trabalho e durante o trabalho, lava o rosto com água fria. O teu dia é terça-feira. Nesse dia tudo te correrá bem, se fizeres esforços, se afastares as dúvidas.

No final, perguntou longamente sobre a minha mulher.

— Como se chama?

— Larissa.

Vanga gostou do nome. Em grego traduz-se como gaivota, mas ela, sabe-se lá porquê, deu-lhe outra interpretação:

— Lara — disse-me — é o nome de uma flor bonita que vive na água. Tal como o lótus — disse ela. — Ela vai ajudar-te muito, a ti e ao Ensinamento.

Perguntou-me severamente por que não tinha vindo comigo — respondi que era muito complicado.

— Que ela venha. Dir-lhe-ei algumas palavras e ela compreenderá tudo.

Disse-as mais tarde, quando consegui organizar a nossa viagem conjunta. O sentido delas era que, num passado distante, Larissa tinha sido búlgara, mulher de um chefe. Esta é uma reencarnação tão importante que ela deve visitar periodicamente a Bulgária.

— O teu caminho para cima — dizia Vanga, dirigindo-se a Larissa — passa pela Bulgária. Aqui, como em nenhum outro lugar, poderás com facilidade perceber as vozes e as palavras que vêm do céu.

16. Habitualmente encontrávamo-nos com Vanga na vivenda de campo de Liudmila Zhivkova. Mas, uma vez, os nossos caminhos cruzaram-se no antigo palácio real^{10} perto de Sófia. Os espíritos do passado rodearam imediatamente Vanga e ela, com um sorriso, começou a descrever aquilo que a sua visão interior via: a mão com o anel que bate à janela; a dança cigana e as ciganas que dançam; o irmão alto e moreno do rei — Cirilo, segundo as palavras de Liudmila — um vadio (o palácio tinha sido dele). Vanga autorizou que gravássemos uma das conversas num gravador. Depois, passámos quase o dia inteiro a decifrar a gravação.

Naturalmente, esforçava-me — nesta situação favorável — por penetrar o mais atentamente possível no mecanismo misterioso do "ouvir" e do "ver" na clarividência. Não era difícil, por exemplo, notar que para Vanga o passado, o presente e o futuro existem como um único instante. Mas notei também outra coisa: que por vezes ela tinha dificuldade em distingui-los. De alguma forma, falou-se do instituto onde trabalho.

É a antiga casa de Herzen no Boulevard Tversky. Vanga disse: "Vejo ao lado dele um mosteiro." Mas não há nenhum mosteiro por ali. Ao que parece, Vanga tinha-se confundido. Depois lembrei-me de que, antes da revolução, perto do instituto situava-se efetivamente o Mosteiro da Paixão

(*Strastnoy*). Durante o poder soviético, tinham-no destruído. Em todo o caso, pude concluir que tinha ocorrido algum desvio da visão interior, no qual o contorno do passado se tinha inscrito no panorama do presente.

Por vezes Vanga lançava charadas e tínhamos de quebrar a cabeça para esclarecer o que tinha provocado uma ou outra reviravolta nos seus pensamentos. Lembro-me do mal-entendido que surgiu no encontro com a minha mulher. De repente, sem mais nem menos, Vanga começou a falar de algo que parecia não ter qualquer ligação com ela.

— Vejo aquele que se encontra na Índia. Vejo uma mulher com cabelos pretos e uma flor vermelha nos cabelos.

Ao início decidimos que ela se tinha enganado em algo. Liudmila disse, referindo-se a Larissa:

— Ela não vem da Índia, é da União Soviética.

Mas Vanga continuava na sua:

— Vieram muitos espíritos da Índia. A mulher não é branca, mas é bonita e usa sempre uma flor nos cabelos.

Não sei quanto tempo duraria o nosso perplexidade se eu não me tivesse lembrado: sobre os ombros de Larissa estava colocado o xaile feito à mão que eu lhe tinha trazido do vale de Kullu — um presente de Svetoslav Nikolaevich Roerich. Parece que o campo informacional do xaile himalaio "funcionou" e diante de Vanga ganharam vida as imagens de Svetoslav Nikolaevich e Devika Rani. E devo dizer que havia sempre um cravo vermelho ou alguma outra flor brilhante no penteado de Devika.

A minha suposição revelou-se correta. Vanga anuiu quando mencionei o nome de Svetoslav Roerich. E concluiu:

— Os espíritos dizem que esta mulher deve usar uma flor nos cabelos não apenas na Índia, mas também quando vier até nós ou de qualquer outro lado. Para ela, é muito importante.

Quantas vezes cheguei à convicção de que para Vanga não existe limitação de espaço e tempo. Lembro-me com que precisão descreveu a minha terra natal, Voronej, onde vou frequentemente e onde, no meio da paisagem familiar, trabalho nos meus poemas.

Mas, como sempre, no início perguntava:

— O que significa "Don"? Ouço a palavra "Don". Respondo — o Don é um rio.

— Vejo uma colina. Vejo um rio. Vejo-te na colina. O rio é muito rápido.

Confirmei. O rio ali corre tão rápido que é impossível nadar contra a corrente.

— O rio é largo? — pergunta Vanga. — Quantos metros?

— Cerca de cem — respondo distraidamente.

Mas ela corrige-me imediatamente.

— Mais. Dizem que são duzentos — duzentos e cinquenta metros. Concordo, porque talvez corresponda melhor à realidade.

— De quem é o monumento na colina?

— Dos aviadores militares.

— E por que vejo cosmonautas à volta dele?

— Na sua inauguração esteve presente o cosmonauta Beregovoy.

Com uma categoricidade inesperada, ela diz:

— Deves vir aqui com frequência. Esta colina é especial. Para sentires o seu efeito, deves andar descalço. Aqui crescem ervas medicinais, e há também uma fonte curativa. Pensa constantemente no rio, na colina, no monumento.

Após uma pequena pausa, continua:

— Na Rússia há muitos lugares sagrados. Esta colina também é sagrada. S. Sérgio esteve aqui três vezes e abençoou-a três vezes. Nesse lugar ele ergueu uma cruz. Por isso, deves sentir-te aqui como numa igreja. Deves vir aqui para receber força de S. Sérgio.

Passariam cinco anos e estas palavras de Vanga (já um pouco esquecidas) ganhariam vida na minha memória. Na colina vizinha começaram escavações. Quase imediatamente a expedição deparou-se com vestígios de uma antiga fortaleza russa. Surgiu a hipótese de que aquele era o Voronej descrito nas crónicas, cujos vestígios se consideravam irremediavelmente perdidos. O chefe da expedição, o professor Pryakhin, partilhou comigo os seus planos para o futuro.

Verificou-se que tinham a intenção de continuar as escavações também na colina que durante longos anos me servira de gabinete. Segundo as suas suposições, ali encontrava-se um túmulo principesco. Os estudos preliminares já tinham sido concluídos. Lá em baixo, no sopé da colina, descobriram uma pequena fonte, de cuja existência eu nem sequer suspeitava. Juntamente com Pryakhin desci até ela e bebi da sua água gelada. Pensava: será esta aquela fonte curativa de que me falava Vanga?

17. Para Vanga, os contactos com o mundo extraterrestre eram algo natural. Ela não os escondia; aliás, como poderia fazê-lo, quando recebia dali todas as suas informações — por vezes pouco conhecidas, outras vezes totalmente desconhecidas — segundo as suas próprias confissões. Queixava-se:

10 Residência "Vrana". — Nota da Redação.

— Por vezes durmo apenas uma hora por dia. Os espíritos não me dão descanso. Não me dão paz, acordam-me. Dizem: "Levanta-te. É hora de trabalhar."

Vanga é vegetariana há muito tempo. Acontece, porém, passar dias inteiros sem sentir necessidade de comida. Satisfaz-se apenas com água, não fervida e fria — não gosta de outra. E o que é inacreditável, não sente absolutamente a mínima fadiga. Sente um influxo de energia. Quem sabe se não será resultado do convívio com o mundo extraterrestre que, em certas condições, talvez a carregue com energia invisível.

Segundo a descrição de Vanga, os espíritos são transparentes e incolores (como água num copo). Mas, ao mesmo tempo, brilham (como brasas num fogão). Comportam-se como pessoas. Sentam-se. Caminham. RIem-se. Choram. Ultimamente repetem sempre a mesma coisa: "Não tenham medo. O mundo não caminha para a perdição."

Vanga explicou-me por que gostava de se encontrar comigo.

— Contigo vêm os espíritos. Muitos, muitos espíritos. A maioria não os conheço. São aqueles que viveram ainda antes de Lenine e que estão mais acima de Lenine.

Uma vez disse-me que sentia a presença de Nikolai Roerich. Não me contive e, pela enésima vez, decidi testar a clarividência de Vanga. Perguntei-lhe:

— De que cor são os olhos de Roerich?

A questão era que muitos, sabe-se lá porquê, pensam que os seus olhos são castanhos ou pretos. Mas Vanga respondeu imediata e certeiramente:

— Azuis, azuis.

Após uma pequena pausa, acrescentou:

— Mais precisamente, azul-celeste. Como os de Cristo...

Vanga contou como toma conhecimento da morte iminente de alguém.

— Vejo ao lado dele um homem alto com um rosto extraordinariamente belo. Mas dele sopra um frio como de um cume gelado. Quando uma pessoa vem ter comigo acompanhada deste seu companheiro — ela não o vê, mas eu vejo-o — compreendo que os seus dias estão contados. Mas não tenho o direito de lha dizer.

18. O que atraía e cativava nas profecias de Vanga — e ela não as poupava — era a ausência de ambiguidade e de frases obscuras, motivo de interpretações divergentes e, por vezes, diametralmente opostas. Felizmente, ela não se parecia com os oráculos de Delfos. As suas previsões (se não todas, a maioria) eram precisas, claras e, o mais importante — muitas vezes podiam ser verificadas num futuro muito próximo. Eis um exemplo.

Durante o nosso primeiro encontro — no verão de 1969, Vanga falou de Indira Gandhi. "És amigo de Nehru e de Indira Gandhi" — disse ela com a sua habitual categoricidade.

E anunciou imediatamente — reparem que diz isto quando Indira Gandhi está na oposição e saiu recentemente da prisão — que em breve ela voltaria ao poder. Naquela altura ainda não se previam eleições parlamentares antecipadas — isso aconteceria mais tarde — e nenhum computador poderia ter prognosticado com tal precisão o curso dos acontecimentos, como os previu a simples e pouco instruída camponesa búlgara. Em todo o caso, quando as eleições antecipadas foram anunciadas, tanto quanto sei, na nossa embaixada na Índia considerava-se que as hipóteses de vitória de Indira Gandhi eram iguais a zero.

Na verdade, Vanga acrescentou — e isto também está refletido no meu diário búlgaro — que ela não se manteria muito tempo e que a morte interromperia o seu poder. Como sabem, foi o que aconteceu.

É claro que nem todas as previsões de Vanga podiam ser compreendidas sem uma preparação prévia. Por vezes eram necessários certos esforços para penetrar no sentido das suas palavras. Frequentemente, este só se esclarecia quando a previsão se concretizava.

— Daqui a dois anos — disse Vanga no nosso primeiro encontro — ser-te-á mais fácil transmitir os teus pensamentos às pessoas; daqui a dois anos haverá uma reviravolta.

Ela já tinha começado — só que eu ainda não o compreendia na altura — quando, no outono de 1981, me dediquei à novela "Sete Dias nos Himalaias". Arrisquei conscientemente, pois escrevia um livro proibido pela censura — sobre o tema espiritual-religioso, e este era fundamental no manuscrito; havia uma proibição oficial. Mas, apesar das dificuldades e apesar do carácter conservador e fechado da época, nasceu aquilo que, pelo seu desígnio, não deveria ter aparecido. A novela "Sete Dias nos Himalaias" foi impressa, e com uma tiragem em massa, na revista "Moscovo". Naquele tempo, isso foi uma espécie de sinal.

Um pequeno episódio dessa altura: enquanto trabalhava no manuscrito, dava periodicamente partes e excertos isolados à minha mulher — editora rigorosa e exigente de todos os meus trabalhos. Lia-lhe o capítulo seguinte — nele falava-se sobre o vegetarianismo e a ideia principal era que a renúncia à carne não se deve tornar um fim em si mesmo, como alguns fazem.

Inesperadamente, ela interrompeu-me:

— Lembras-te do que te disse a Vanga?

O que me disse ela? Lembro-me:

— Escreves sobre comida? — tinha-me perguntado ela.

— Não, não escrevo nem tenho intenção de escrever.

— Agora é cedo — disse Vanga categoricamente. — Mas daqui a dois anos escreverás.

E assim foi: nem reparei como, cumprindo a previsão de Vanga, comecei realmente a escrever sobre isso.

Devo dizer que os prognósticos globais de Vanga infundiam esperança. "Não haverá guerra" — afirmava ela na altura em que a confrontação nuclear atingia o seu ponto crítico, quando a paz estava por um fio e podia ser interrompida por qualquer acaso ou negligência, para não falar de má intenção. Aliás, quando acontecia contar sobre Vanga durante os meus encontros de autor (mas apenas em linhas gerais), eu dava como exemplo a sua previsão — "Não haverá guerra" — e então a sala explodia em aplausos.

"Daqui a seis anos o mundo começará a mudar radicalmente." Não se esqueçam de que isto foi dito no auge da era de Brejnev, em 1979. "Os velhos líderes partirão. Virão novos."

E, finalmente — com uma certa solenidade — Vanga dizia frequentemente: "O homem novo sob o signo do Novo Ensinamento aparecerá na Rússia."

19. Vanga sentia-se como um ressoador peculiar que não age por vontade própria. O que passava pela sua consciência era mais forte do que ela e ela nem sempre o compreendia. Por isso, por vezes acontecia dirigir-se a nós para obter esclarecimentos. Lembro-me da sua seguinte pergunta inesperada:

— Quem é Gorky?

— Um escritor. O que se passa, Vanga? — pergunto eu.

— Ele está aqui. Ele ajuda-te. Ele é um profeta. Escreves sobre ele?

— Não.

Categoricamente:

— Escreverás sobre ele.

Outra vez:

— Ouço: Rama, Rama. Vejo: em todo o lado se curvam perante ele. Quem é Rama?

— Um deus indiano.

— Transmitam a Indira Gandhi — diz inesperadamente Vanga — que não chore pelo seu filho (ele tinha-se despenhado recentemente num avião desportivo). Aquele que na Índia chamam Rama levou-o para junto de si. Ele está ao seu lado.

Mas devido a um nome houve uma confusão. Ao início, pareceu-me desconhecido.

— Apareceu-me um espírito — disse uma vez Vanga. — Chamava-se Thomas. Quem é ele?

— Não faço ideia — respondi.

Apenas em Moscovo me lembrei de que "Thomas", na verdade, é Tomé. Precisamente nessa altura, eu ocupava-me do Evangelho apócrifo de Tomé. Até usei como epígrafe de um poema meu uma frase dele: "Outrora fostes um todo, mas tornastes-vos dois."

Quando no nosso encontro seguinte voltou a aparecer "Thomas", eu disse a Vanga que, com toda a probabilidade, se tratava do apóstolo Tomé.

— Ah! — exclamou ela alegremente. — Tomé, o Incrédulo.

E, maravilhada, continuou:

— Oh, que grande espírito!

Depois, imediatamente — eu até estremeci, de tão inesperado que foi — ela passou para a linguagem do Evangelho gnóstico.

— Eu — Ele. Nós — Ele. Nós, isso é Ele, que volta novamente para nós, como tinha prometido. Todos os apóstolos estão agora em movimento, todos os apóstolos estão na Terra, pois chegou o tempo do Espírito Santo. Mas a missão maior coube ao apóstolo André. Ele prepara o caminho de Cristo, como lhe foi ordenado.

20. Vanga era uma pessoa profundamente crente. Cumpria incondicionalmente todos os ritos ortodoxos. Chegou a censurar o clero búlgaro por, ao contrário do russo, ter passado para o novo estilo de calendário, violando a ordem habitual das festas religiosas 11. Independentemente das suas preferências religiosas — o que acontecia habitualmente após os seus estados de transe de curta duração — ela declarava:

— Todas as religiões desaparecerão. Restará apenas o ensinamento da Fraternidade Branca. Como uma flor branca, cobrirá a Terra e, graças a ele, as pessoas salvar-se-ão.

O Ensinamento, em relação ao qual se mencionavam os nomes de Roerich e Blavatsky, ocupava muito a imaginação de Vanga. Ela chamava-lhe a Bíblia de fogo.

— Este é um novo Ensinamento — dizia ela — mas está construído sobre a base do antigo. O antigo podemos compará-lo às raízes, e o novo — à flor que se abre ao sol.

Segundo as suas palavras, o trabalho secreto sobre o Ensinamento terminou. Ele não pode mais ser escondido. Como lava ardente, libertar-se-á para as pessoas.

— O novo Ensinamento virá da Rússia — previa Vanga. — A Rússia purificar-se-á, a Fraternidade Branca espalhar-se-á pela Rússia. Daqui o Ensinamento começará a sua marcha por todo o mundo.

— A tua inspiração — acenando para Liudmila — também vem da Rússia. As tuas assembleias de crianças são muito importantes. Compreendeste corretamente que as sementes do Ensinamento se espalharão através das crianças por toda a parte.

Para mim:

— Trabalhas pouco para a Fraternidade Branca. Vinte anos — a partir de agora deves trabalhar de tal forma que ele se torne conhecido em todo o planeta. Daqui a vinte anos — não será antes — colhereis a primeira grande safra.

21. Apesar de todo o seu otimismo em relação ao mundo, nas profecias de Vanga infiltravam-se de vez em quando notas apocalípticas. Ela dizia que cada povo tem uma estrela que o carrega com energia luminosa. Mas há exceções. Alguns povos, dizia ela, não têm uma estrela, mas um planeta. O novo Ensinamento (segundo as suas palavras — "branco-branco como a neve") cria novas condições ("tudo se tornará branco-branco como o leite"), nas quais esses povos não poderão sobreviver, em todo o caso, espiritualmente. Na atmosfera invulgar para eles, ao que parece, sufocarão. Um povo que tem um planeta em vez de uma estrela ou — o que é o mesmo — uma estrela apagada, também se apagará como uma vela com vento forte, afirmava Vanga.

22. Como já referi, Vanga entrou rapidamente no nosso círculo de problemas. Por exemplo, dirigia-se a mim assim: "Ah, este é aquele que ama S. Sérgio!" Segundo ela, cada vez que se encontra comigo, ele coloca-se claramente diante da sua visão interior.

Começa com uma pergunta:

— Veneram S. Sérgio na Rússia?

11 Na Rússia, a igreja ortodoxa celebra o Natal a 7 de janeiro e todas as outras festas 13 dias depois de nós. Nota da Redação.

— Pouco — respondo — principalmente na igreja.

Vanga:

— Vejo um mosteiro. (Confirmo que na Laura de S. Sérgio e da Trindade se encontram as relíquias do Venerável Sérgio.) Este é o coração da Rússia, ele é um grande profeta. Não é um santo comum, mas o maior santo russo. — Com uma energia inesperada, acrescenta: — Não há força que possa vergar a Rússia. A Rússia desenvolver-se-á, crescerá, fortalecer-se-á.

E acrescenta que estas não são palavras dela, mas de S. Sérgio.

— Vejo — continua Vanga — ele segura a Rússia como na palma da mão. Vejo uma igreja, erguida no alto. Vejo pessoas com lanças e elmos.

— Vanga — interrompo-a — estás a descrever um quadro de Roerich.

— Que quadro é esse? — pergunta Vanga.

— Não é muito conhecido, porque não o mostram. Nele está representado S. Sérgio, que segura na mão a igreja patriarcal, simbolizando a Rússia. Ele abençoa os guerreiros que participam na batalha de Kulikovo — veem-se ao fundo do quadro. A inscrição sob o quadro é: "Estava destinado que o Venerável S. Sérgio salvasse três vezes a terra Russa. A primeira vez com o príncipe Dmitri, a segunda com Minin 12. A terceira..." — seguem-se reticências.

— Por que não o mostram?

— Por causa da inscrição profética.

Vanga parece perscrutar a distância e continua:

— O quadro foi pintado por quatro que vieram de outro mundo. Poucas pessoas sabem do quadro. É preciso que mais saibam sobre ele,

todos devem saber. Guardem o quadro como a menina dos vossos olhos. É um documento importante, a maior riqueza da Rússia. Não o enviem para outros países. Ele é destinado apenas à Rússia.

Como que resumindo o que foi dito, ela exclama:

— Aquele que foi S. Sérgio é agora o maior santo. Ele é o guia de toda a humanidade. Oh, como ele ajuda as pessoas! Ele tornou-se luz, o seu corpo é luz.

23. Existe um retrato do Mestre de Blavatsky, que se tornou mais tarde também Mestre de Roerich, o qual está reproduzido numa das primeiras edições do seu livro "Pelas Grutas e Selvas do Industão". Segundo ela, o retrato não foi feito da forma habitual. Um rosto extraordinário, que atrai como um íman, mas sobretudo — os olhos. Muitos sentiram o seu poder sobre si. Eu — também.

Liudmila contava que viu o retrato pela primeira vez após o acidente. "O rosto pareceu-me dolorosamente familiar. Senti imediatamente que aquele era o Mestre, que era o meu Mestre."

Decidimos fazer uma espécie de experiência e mostrar a Vanga uma fotografia do retrato. O facto de ela não ver, neste caso, não tinha qualquer importância. Observámos frequentemente como ela utilizava uma fotografia como ponto de apoio. Punha as mãos sobre o rosto da pessoa na fotografia e era como se entrasse em contacto com os seus pensamentos. Em última análise, Vanga descrevia não apenas os seus traços externos, mas também detalhes da sua biografia, as particularidades do seu carácter, etc.

Assim fizemos. Meu Deus! O que aconteceu com a Vanga? Ela estremeceu como se tivesse tocado num fio elétrico descascado. Nunca a tinha visto em tal estado.

— Por que não deste a fotografia mais cedo? — exclamou ela emocionada. — Ele está aqui. Ele está convosco. Sabe-se lá porquê vejo a Sibéria. Ele é russo, esteve na Rússia?

— Não. Indiano. É o Mahatma Morya.

Vanga:

— Ele é o protetor de Moscovo, ou melhor, da Rússia. Já o tinha visto antes, só que não sabia quem era.

Para a alegrar, propus-lhe:

— Fica com a fotografia.

— Não — respondeu ela assustada. Até a afastou para o lado. — Ele vai atrapalhar-me.

Quando se acalmou um pouco, disse:

— Vêm ter comigo espíritos, muitos, muitos espíritos. Mas este espírito — o mais forte de todos os que já vi — nunca entra na sala. Fica sempre atrás da porta. É perigoso olhar para ele, porque brilha intensamente como o sol. Por vezes vejo-o num cavalo branco e com uns olhos de fazer tremer.

Ela recusou ficar com a fotografia, mas aconselhou-nos a trazê-la sempre connosco.

— Mantenham-na impreterivelmente no vosso bolso esquerdo. Ela deve interagir com os impulsos do vosso coração, especialmente quando planearam ou estão a fazer algo importante.

24. Mas eis o que era mais curioso. Com a fotografia do Mahatma Morya na mão, Vanga, sabe-se lá porquê, perguntou:

— A fotografia é de S. Sérgio?

— Não — respondi.

Pensativa, Vanga continuou:

— Sim, na fotografia não está S. Sérgio. Mas vejo dois rostos, dois corpos, e uma só alma.

Certamente, Vanga nem suspeitava quão precisamente tinha captado a essência da conceção de Roerich, segundo a qual S. Sérgio é uma das reencarnações do Mestre Morya.

Disse-lho, mas tal interpretação não a perturbou minimamente. Apenas acrescentou:

— Que saibam que ele teve dois corpos.

12 Dmitri Donskoy (1350-1389), príncipe de Moscovo, uniu os principados russos para a luta contra o jugo tártaro e em 1380, na batalha de Kulikovo, derrotou os tártaros; Kuzma Minin (falecido em 1616) foi o

criador e líder da milícia popular que libertou Moscovo dos polacos em 1612. — Nota da Redação.

E novamente:

— Este espírito sempre foi o protetor da Rússia.

Segundo as suas palavras, ele sempre estimulou e inspirou os mais famosos dirigentes de estado da Rússia, incluindo Pedro, o Grande, e Lenine.

Aliás, segundo a conceção de Roerich, o espírito de Pedro I encarnou depois em Lenine, de modo que estas duas personalidades históricas são um todo. É por isso que o nome da cidade no Neva (Petersburgo, Leninegrado) não tem importância de princípio. Em ambos os casos, tem a mesma fonte, vocacionada para transformar a Rússia duas vezes.

25. Vanga tinha uma atitude especial para com os nossos cosmonautas. Afirmava que eles desempenhavam uma missão extremamente importante. As naves espaciais por eles pilotadas purificam o espaço sobre a Rússia e santificam-no. Ela considerava Yuri Gagarin um santo.

— Depois de ter aceitado a morte pelo fogo, ele tornou-se um iniciado — dizia ela. — Agora está no seu corpo celestial. A sua alma está viva e brilha como uma estrela sobre a Rússia.

26. Vanga desenhava o futuro assim:

— Tudo se derreterá como gelo, apenas um ficará intocado — a glória de Vladimir (referia-se ao príncipe que outrora batizou a Rússia), a glória da Rússia. Demasiados sacrifícios foram feitos — dizia ela. — Ninguém pode mais parar a Rússia. Arrastará tudo no seu caminho e não apenas se preservará, mas tornar-se-á senhora do mundo.

Certamente, na palavra "senhora", Vanga não colocava um sentido político, mas espiritual. Sem dúvida, com a sua sensibilidade apurada, ela percebia o carácter multifacetado e contraditório do processo vindouro. "Sim — dizia ela pouco antes da invasão das tropas soviéticas no Afeganistão — em breve bandeiras vermelhas flutuarão em muitos países do mundo." Mas afirmava também outra coisa: "A velha Rússia voltará."

Na verdade, sob a palavra "velha", Vanga não entendia as velhas ordens e o sistema anterior com a sua integridade inquebrável. Quando se falou do último czar russo, de Nicolau II, ela expressou-se de forma pouco lisonjeira e categórica.

— Homem mau.

— Porquê?

— Matava pessoas, por causa dele foram mortas muitas pessoas.

O conceito de "velha Rússia" significava para ela um regresso ao sagrado princípio espiritual ("Apenas um ficará intocado — a glória de Vladimir."). "Agora — dizia ela — chamam-se União, mas depois chamar-se-ão como no tempo de S. Sérgio, Rus."

Esta Rússia, a velha e a nova, à qual está destinado passar pelo cadinho do novo batismo de fogo, deve tornar-se, segundo Vanga, "senhora de todo o mundo". "Como uma águia, a Rússia voará alto sobre a terra — transmito textualmente as palavras de Vanga — e abençoará com as suas asas toda a terra." A sua superioridade espiritual será reconhecida por todos, incluindo a América.

Mas isto não acontecerá imediatamente. Segundo Vanga — daqui a sessenta anos. Tanto quanto me lembro, voltámos três vezes a este tema e três vezes ela definiu o mesmo prazo — daqui a sessenta anos.

Segundo as suas palavras, precederá isto a aproximação de três países. Num ponto, dizia ela, aproximar-se-ão a China, a Índia e Moscovo.

— E a Bulgária? — interessou-se Liudmila.

— A Bulgária também, mas se estiver junto com a Rússia e como parte da Rússia — respondeu Vanga. — Sem a Rússia, não há futuro para a Bulgária.

— Cristo voltará novamente em vestes brancas — profetizava Vanga. E dirigindo-se a mim: — E tu tens a obrigação de o descrever nos teus livros. Aproxima-se o tempo em que certas pessoas sentirão com o coração o regresso de Cristo. No início ele aparecerá na Rússia, e depois — em todo o mundo.

27. — Quando escreveres sobre a Bulgária — recomendava-me Vanga — pensa na Liudmila.

(Esforcei-me por cumprir o seu conselho quando trabalhei neste esboço.)

— No passado estivestes ligados — disse-me Vanga. — Vivestes ao mesmo tempo que S. Sérgio. Num mosteiro.

Possuída pelo passado, exclamou:

— Oh! Vejo-te — para a Liudmila. — És um oficial. Tens alma russa. O exército levanta-se como fogo, e os soldados são como línguas de fogo. Valha-me Deus, a alma russa avança e não tem medo de nada.

E novamente para a Liudmila:

— Estarás sempre com a Rússia. Para ti a Rússia é tudo. Devem aparecer outras mulheres como tu. Elas ainda não desceram do céu. Mas em breve virão e ajudarão na terra.

Esta conversa teve lugar no antigo palácio real perto de Sófia, um ano após o nosso primeiro encontro. Foi precisamente esta, sem suspeitarmos que seria a última, que gravámos no gravador.

28. Cada vez que viajava para a Bulgária, deparava-me com obstáculos imprevistos. Cada vez me criavam entraves. Ora por razões desconhecidas o visto atrasava-se, ora, sabe-se lá porquê, a minha estadia na Bulgária era limitada. Creio que não foi por acaso. Naquela altura, para nós, escritores, e na verdade para qualquer passo invulgar de qualquer pessoa, vigiava-se com a máxima atenção.

As minhas dificuldades não escaparam à atenção de Liudmila Zhivkova. Ela chegou a dizer: "Temos sempre gosto em vê-lo connosco, mas resolva a questão das suas viagens."

Mas resolver essa questão não se revelou nada fácil. A minha última viagem (que acabou por não se realizar) encontrou já não uma resistência camuflada, mas explícita. Mas, ao que parece, tínhamos cometido um erro. Pessoalmente em seu nome, Liudmila Zhivkova enviou um convite para mim e para a minha família. Supunha que desta forma facilitaria a nossa partida — afinal, quem nos convida não é uma pessoa qualquer, mas um membro do politburo, presidente do Comité de Cultura. Mas aconteceu o contrário. Isso provocou uma reação radicalmente oposta. Categoricamente e, como era costume, sem qualquer explicação, foi-me recusado o visto.

Naturalmente, dirigi-me à Praça Velha, ao Comité Central do PCUS. Naquela altura todos conheciam este endereço — tanto os membros do partido como os sem partido. Mas ali, quando era necessário, sabiam fingir-se de cordeiros inocentes. "O que temos nós a ver com isso? — admiraram-se os funcionários que me receberam. A questão era que o convite de Liudmila Zhivkova não era oficial, mas privado, e deveria ter sido enviado pelos canais habituais ao OVIR 13. — Não temos o direito de nos imiscuir nas prerrogativas do OVIR."

Certamente, isto era um jogo. Tanto mais que através de intermediários chegou até mim a opinião de um benfeitor meu de alto cargo do Comité Central: "Por que se ligou o Sidorov a uma figura tão duvidosa como Liudmila Zhivkova? Que vá para a Crimeia. Se for preciso, arranjamos-lhe um cartão de repouso em qualquer sanatório ou colónia de férias lá."

Mas eu não tinha intenção de ceder. Que seja, se querem o OVIR, que assim seja. Informei Liudmila Zhivkova do sucedido. Urgentemente, enviaram da Bulgária um convite privado; por causa da conspiração, este não estava em nome de Liudmila Zhivkova, mas de um testa-de-ferro.

Agora, no OVIR começaram a dar-me cabo dos nervos, atrasando até ao limite a emissão dos documentos. Mas eu tinha-me munido não de paciência, mas de uma paciência infinita, pois estava decidido — tinha razões especiais — a conseguir o que queria. E, de repente, como um raio em céu sereno: telefonaram-me da embaixada búlgara. Liudmila Zhivkova falecera subitamente. Tinha morrido no mesmo dia em que, segundo o primeiro convite, eu deveria ter chegado a Sófia.

29. A morte de Liudmila Zhivkova — súbita, e em tal idade: ainda não tinha trinta e nove anos — provocou, naturalmente, muitos rumores e invenções. Eles não surgiram por acaso. Nada — nem doença, nem um ligeiro mal-estar — prenunciava o que aconteceu. Os jornais publicaram o relatório médico, no qual se dizia que a morte ocorrera devido a um acidente vascular cerebral. Mas na altura poucos acreditavam nos comunicados oficiais, tanto mais que as circunstâncias da morte de Liudmila, desde o início, estiveram envoltas em mistério.

E as circunstâncias, quando a escassa informação sobre elas chegava finalmente às pessoas, não podiam deixar de causar perplexidade. Era estranho que, quando Liudmila perdeu a consciência — e isso aconteceu na

casa de banho —, ninguém, literalmente ninguém, estivesse na enorme residência. Durante cerca de duas horas ela esteve completamente sozinha. Era também estranho que, quando contactaram a "Emergência", esta tenha chegado com grande atraso. E por último, era estranho que a ambulância da "Emergência" estivesse avariada. No caminho, saltou uma das suas rodas e demoraram uma hora inteira a repará-la.

Certamente, tudo se poderia explicar também por uma coincidência casual, mas era natural que a própria sucessão de circunstâncias parecesse suspeita a alguém, especialmente perante a falta de informação completa e precisa.

Existem várias versões para a morte misteriosa de Liudmila Zhivkova (incluindo policiais). Mas uma delas — a versão de suicídio, se não me engano lançada por um dos adjuntos de Todor Zhivkov — deve ser rejeitada imediata e incondicionalmente. Para Liudmila Zhivkova, com a sua visão espiritual do mundo, tal variante era absolutamente impossível. Aliás, precisamente durante o último mês da sua vida mantive contacto constante com ela (devido às peripécias em torno da minha planeada viagem à Bulgária) e estava a par de muitos dos seus planos. Sabia que ela preparava algumas novas propostas e projetos para mim. Sabia que ela estava amargurada com o meu atraso.

O secretário de Liudmila Zhivkova, Kiril Avramov, disse-me que na sexta-feira à noite — antes da tragédia inesperada — ela lhe telefonara da residência. Perguntou: "O Sidorov vem ou não e, se sim, quando finalmente?" Ele descansou-a, dizendo que a questão da minha partida já estava resolvida e que por estes dias eu chegaria a Sófia. Segundo as palavras dele, este foi o seu último contacto com o mundo exterior.

30. Não estive presente no funeral de Liudmila Zhivkova, uma vez que não tinha estatuto oficial. E este, segundo testemunhas oculares, transformou-se numa manifestação grandiosa, porque milhares de pessoas saíram às ruas de Sófia. Infelizmente, como sabemos, muitas vezes apenas após a morte de uma pessoa avaliamos devidamente o significado da sua vida para nós.

Condolências oficiais foram enviadas de muitos países. Naturalmente, do nosso também. Mas o maior número de telegramas de condolências chegou da Índia. Liudmila ia lá frequentemente, convivia com pessoas que lhe eram espiritualmente próximas. Por proposta de Indira Gandhi, a

faculdade de línguas eslavas e literatura da Universidade de Deli foi batizada como "Liudmila Zhivkova". Ela ainda hoje ostenta o seu nome, enquanto na sua pátria tudo foi renomeado, literalmente tudo o que de alguma forma recorda Todor Zhivkov.

E, certamente, quase no dia seguinte ao funeral foi interrompido o curso progressivo das reformas espiritual-culturais. O programa complexo de Liudmila Zhivkova ficou por realizar. Após os anos dedicados a Roerich e Lenine, deveria prosseguir-se com Rabindranath Tagore, S. Constantino-Cirilo o Filósofo, Lomonosov, Goethe, Patriarca Eutímio, Jan Comenius. Preferiram esquecê-los imediatamente.

Foi posto um fim aos projetos de criação de um Centro Internacional Roerich em Sófia e de restauração do Instituto Roerich nos Himalaias (lembraram-se imediatamente de que faltavam os meios necessários). Interromperam-se também as assembleias de crianças. Numa palavra, após a curta tempestade e o seu vento purificador, tudo voltou ao lugar. A vida entrou no seu curso habitual.

31. ...E o anel de Sai Baba, que outrora Liudmila Zhivkova me mostrou, pouco antes da sua morte, perdeu-se algures. Ela própria me falou do seu desaparecimento misterioso quando veio brevemente a Moscovo e tive oportunidade de me ver rapidamente com ela. Talvez fosse um sinal, talvez apenas uma coincidência mas, de uma forma ou de outra, isso levou-me à ideia de que os objetos que possuímos do mundo astral vivem segundo as suas próprias leis. Compreendi que algo acontece inevitavelmente com eles. Ou desaparecem no espaço ou, como as moedas de ouro de Basavriuk 14, transformam-se em cacos.

13 OVIR — Departamento de Vistos e Registo de cidadãos estrangeiros. — Nota do Tradutor.

14 Refere-se à novela de Gogol "A Noite na Véspera de Ivan Kupala". — Nota da Redação.

32. "E a Vanga? — perguntarão. — Será que não viu a morte próxima de Liudmila? Será que não a pressentiu? Será que não foi avisada?"

Eu fazia as mesmas perguntas a mim próprio. Não só isso. Estudei atentamente as notas das minhas conversas com Vanga, tentei encontrar pelo menos algum indício da tragédia futura, mas não descobri nada.

Aqui, parece-me, são possíveis duas variantes. Vanga talvez soubesse o que iria acontecer, mas escondeu de nós e de Liudmila, uma vez que não tinha o direito de falar. Por que razão então ela entraria tão detalhadamente no nosso trabalho conjunto, dando-nos recomendações não apenas para o futuro próximo, mas também para o longínquo?

Ou então Vanga não sabia o que iria acontecer — por algumas razões isso foi-lhe ocultado. Dizem que quando lhe comunicaram a morte de Liudmila, exclamou assustada e em perplexidade: "Como assim? Não a vejo morta. Vejo-a viva."

Certamente, o melhor é perguntar à própria Vanga. Aconteceu, porém, que não tive mais oportunidade de me encontrar com ela. Mas o eco do sucedido — para Vanga, tal como para mim, a perda de Liudmila foi uma dor pessoal — senti-o nas palavras, até no tom do que ela disse na véspera de Natal no final daquele ano fatídico:

"1981 não deu nada às pessoas, mas tirou muito de todos, de cada um de nós..." Estas palavras estão citadas no livro "A Profetiza Búlgara Vanga", escrito pela sua sobrinha (filha de Lyubka). Lá está também a previsão otimista: "Esperem mudanças para melhor." Mas para o futuro próximo — o tempo em que nós agora vivemos — o prognóstico de Vanga é bastante desconsolador. Segundo ela, "cidades e aldeias serão destruídas por terramotos e inundações, cataclismos naturais abalarão a terra, pessoas más levarão a melhor sobre tudo, e os ladrões, delatores e devassos não terão número. Entre as pessoas criar-se-ão ligações instáveis e duvidosas que se desfarão logo no início. Os sentimentos desvalorizar-se-ão fortemente e apenas a paixão mentirosa, ou melhor, a ambição e o egoísmo tornar-se-ão estímulos para as relações humanas."

33. Blok inclui a batalha de Kulikovo entre os acontecimentos simbólicos da história russa. "Tais acontecimentos estão destinados a repetir-se — dizia ele. — A sua explicação está por vir."

Como é sabido, o combate — segundo as regras não escritas daquela época — era precedido por um duelo. No campo da batalha iminente saíram dois. Dos tártaros — em pesadas armaduras, o herói Chelubey, de ombros largos e gordo, que inspirava medo. Dos russos — de uma fragilidade juvenil, em vestes de monge (*skhimnik*) 15, o monge-guerreiro Peresvet. No combate, feriram-se mortalmente. Mas Chelubey desmoronou-se imediatamente e o cavalo assustado arrastou pelo chão o

seu corpo emaranhado nas rédeas. Já Peresvet, embora morto, manteve-se na sela e, direito como uma vela, cavalgou perante as fileiras do nosso exército, como que assinalando e prenunciando a vitória.

Provavelmente, no meu subconsciente, a imagem fundira-se com a visão de Vanga que ela outrora descrevera tão eloquentemente: o exército de S. Sérgio, assemelhando-se a uma chama, e Liudmila no meio desse exército.

Inesperadamente, como acontece sempre durante a meditação, soou a resposta à minha pergunta silenciosa e tomou a forma de um curto verso:

A guerra é a guerra.
E na batalha de Kulikovo
Liudmila foi aquele Peresvet.
E como outrora, ao inimigo comum
a sua morte profetizou a derrota.

Tradução do russo: Valeria Elenkova